

MUNDARÉU
UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Episódio 1
Uma putafeminista, um puta antropólogo
12/11/2019

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

Extras

ABERTURA

Música de abertura do Programa: “Quem canta” de Tatá & Danú, apenas o trecho instrumental, clima alegre. A música fica, como pano de fundo, ao longo de todo o bloco de Abertura.

Daniela: Olá, pessoal, esse é o Mundaréu, um podcast de Antropologia. Eu sou Daniela Manica, antropóloga e pesquisadora da Unicamp...

Soraya: ... e eu sou a Soraya Fleischer, antropóloga e professora da Universidade de Brasília.

Daniela: Nossa ideia é falarmos aqui de “Antropologia” para quem está estudando nessa área e também para quem não conhece essa disciplina ainda, que é parte do campo das Ciências Sociais. Nessa primeira temporada do Mundaréu, teremos sempre duas convidadas, uma antropóloga e uma de suas interlocutoras. “Interlocutora” já é uma palavra importante da nossa área, é como chamamos as pessoas que conhecemos em nossas pesquisas. Mas não é qualquer pessoa, qualquer contato. São pessoas que vivem e entendem bastante do assunto que vamos estudar e que, por sorte, nos aceitam em suas casas, cozinhas, bairros, aldeias, consultórios, laboratórios, terreiros, ou seja, em todo tipo de lugar onde antropólogas fazem pesquisa. As interlocutoras são aquelas que ocupam um lugar especial em nossos “trabalhos de campo”.

Soraya: Esse é outro termo bem importante para nós, “trabalho de campo”. Como geólogos, botânicos, sociólogas, historiadoras, virologistas, por exemplo, nós antropólogas também vamos ao campo. E como disse a Dani, nosso campo pode ser um fundo de quintal, um laboratório, pode ser uma terra indígena, ou até o Instagram! Ou, como veremos no programa de hoje, uma associação comunitária. Mundaréu quer falar de Antropologia mostrando [ênfase] como as antropólogas fazem pesquisa. Mas a gente não quer falar “sobre” os outros, ou “dos” outros ou mesmo “pelos” outros, a gente quer trazer todo mundo aqui, para que as antropólogas contem [ênfase] como fizeram suas pesquisas, e como as interlocutoras receberam as pesquisadoras e seus resultados. Como – juntas – fizeram a pesquisa acontecer.

Daniela: Esse é o nosso primeiro programa que vai ao ar. Vamos conhecer o trabalho de pesquisa que José Miguel Olivar Nieto fez com a Betânia Santos. Esse programa foi gravado em Campinas, [música ao fundo, batidas de balada] no estúdio da Rádio da Unicamp, no início de junho de 2019.

BLOCO 1 - Puta Dei

[Música da Daspu. Continuam as batidas, com ritmo mais forte, de balada funk. Uma voz feminina geme “ai”, e as batidas de funk entram, junto com uma voz masculina que começa a cantar em tom gritante

Daspu é uma puta parada

Daspu é uma parada de puta

Daspu é uma puta parada

Daspu é uma parada de puta]

Zé Miguel: Uma... fim de tarde, [aqui, fim da música] chuva no Jardim Itatinga e frio, é... uma rua fechada, uma muitas ruas do Jardim Itatinga fechadas por uns equipamentos de cinema, por uma, uma grua, de uma câmera e equipamentos de som e uma mulher negra, alta, incrivelmente poderosa, com vestido vermelho, aberto, e um saltão roxo, recebendo um monte de pessoas na sede de uma das casinhas do Jardim Itatinga com uma placa, é, das Mulheres Guerreiras, com toda lista das atividades e das lutas, melhor, que as Mulheres Guerreiras fazem, recebendo muitas pessoas que estão chegando, carros, mesas colocadas na, na rua, é, preparando o espaço do desfile da Daspu, e preparando uma bandeira Lula Livre, dentro da sala, grande, tudo muito vermelho, no dia da inauguração da sede das Mulheres Guerreiras no Puta Dei, em, em, no Jardim Itatinga e abrindo uma plaquinha dentro da casa, é... de metal, em homenagem a uma das fundadoras das Mulheres Guerreiras, uma mulher maravilhosa chamada Sandra, que foi assassinada brutalmente um ano, dois anos atrás, é, e a casa sendo dedicada à Sandra, né.

Soraya: Afinal, que evento foi esse, o Puta Dei? Você que é da Associação das Mulheres Guerreiras, Betânia, conta por que esse nome?

Betânia: Em Belém do Pará todo ano se comemora, é a, o Dia Internacional da Prostituta, o Puta Dei é isso. E a gente aqui no Brasil não utiliza inter, a palavra internacional, nós não usamos o “y” nós usamos o “i”, de dei, de dei de dar, porque eu sou trabalhadora sexual, eu dou se eu quiser. Então a gente começou em 2014. O primeiro Puta Dei em Campinas, ele se baseou, é, na regulamentação do trabalho sexual, nós queríamos discutir sobre o trabalho sexual com a União, com o emprego e renda e toda essa parafernália toda que fala aí, que se trata em relação a trabalho, né, a gente formou o primeiro Puta Dei.

Daniela: O Puta Dei aconteceu no dia 02 de junho de 2019, no Jardim Itatinga, que é um bairro aqui de Campinas conhecido por ter sido planejado para abrigar as trabalhadoras sexuais e suas atividades, com a intenção também de tirar essas pessoas, e sua clientela, das ruas do centro da cidade. Betânia, explica pra gente o que é e o que faz a Associação Mulheres Guerreiras, como uma organização não governamental de Campinas.

Betânia: A Associação Mulheres Guerreiras, ela é uma organização que foi criada por as mulheres do centro da cidade, que cansadas de tanta repressão e discriminação pelo seu trabalho né, e uma forma da qual as pessoas, é, o governo e a polícia as tratava, é, rústico é, por elas exercerem seus trabalhos ali nas mediações. Então a Associação Mulheres Guerreiras, ela foi criada pra defender o trabalhador sexual em si, foi esse ponto de vista que eu tive ao chegar na Associação Mulheres Guerreiras. Então essa Associação, ela foi criada exatamente há uns 14, 15 anos atrás, porém, ela tem 10 anos de registro porque foi criada o seu estatuto né, registrado há 10 anos, 11 anos.

Daniela: Betânia, você está aqui em Campinas há mais tempo do que isso. Você pode nos contar um pouco da sua vinda pra Campinas até sua chegada na Associação Mulheres Guerreiras?

Bethânia: Então, eu recebo muita crítica quando falo da minha vinda né, é, pra Campinas, primeiro que eu vim menor de idade, aos 13 anos de idade, já para o exercício do trabalho sexual, porque eu decidi que iria ganhar dinheiro porque já fazia sexo, né. E foi uma polêmica com as minhas amigas mais velhas prostitutas porque elas, desde o princípio, “Nós não aceitamos menor de idade”. Então, eu fiz toda uma... um roteiro pra chegar na prostituição, primeiro que eu pedi pro meu pai, analfabeto, assim como eu na época, que eu queria um certidão de nascimento novo, porque eu havia perdido o meu, e eu não perdi, eu tenho dois. E daí, meu pai foi até a delegacia, né, fazer um novo certidão de nascimento, exatamente como eu queria, com 18 anos de idade, que era a idade que deveria se, é, exercer o trabalho sexual. E esse documento é o que eu uso até hoje porque foi um documento que eu escolhi né, que eu queria ter aquele documento com aquela idade, então foi assim que eu cheguei a Campinas vindo de Caxias, Maranhão. Vim de caronas com caminhoneiros me falando “Menina, não vai fazer isso pelo amor de Deus não faça, quer voltar pra casa, a gente te leva de volta”. Em nenhum momento fui assediada por esses caminhoneiros né, e cheguei até o Jardim Itatinga. Eu vim direto pro Jardim Itatinga para fazer o trabalho sexual.

Daniela: Você tinha alguma conexão com alguém que já tava no Jardim Itatinga? **[Betânia já começa a responder]** Como você..

Betânia: Não, não tinha, eu só conhecia uma amiga que era prostituta, né e que fazia o trabalho sexual no Jardim Itatinga. Porém, sua família não sabia, só sabia as nossas amigas e eu investiguei né como que fazia pra chegar, e quando ela se deparou, deu por si eu estava no Itatinga.

Daniela: Zé, você veio da Colômbia onde você já tinha trabalhado dentro de uma ONG bem no interior do país com os temas de sexualidade e juventude. Conta pra gente então como você veio parar no Brasil e depois em Tabatinga, que é um pequeno município na fronteira tríplice entre Brasil, Colômbia e Peru.

Zé Miguel: Eu sou de Bogotá e morei três anos fora nesse, enfim, no interior e... e Colômbia entrou num processo no final de 2000 e nov... dos nos 90 e início dos anos 2000, num processo de virar intensificação da guerra, de um governo de direita muito pesado e de intensificação da guerra e eu trabalhava em contextos que eram afetados diretamente por isso, e foi um cansaço assim muito grande de, de... da vida lá, da país, uma coisa de onipresença da morte assim... e eu queria sair, queria passar um tempo fora, queria, enfim sair do país um pouco e não queria ir nem para Europa nem para os Estados Unidos, enfim.

Soraya: O Zé Miguel veio para o Brasil, fez o doutorado dele na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalhando com prostitutas na cidade de Porto Alegre. Depois, ele veio fazer um pós-doutorado aqui na Unicamp, já interessado no mercado internacional do sexo.

Zé Miguel: E aí pensei que uma tradução que me interessaria do transnacional era o transfronteirismo, por um lado, é e na época em 2009 tinha pouquíssima pesquisa sobre prostituição em interiores, Amazônia, fronteiras. Então meio que juntava várias coisas que tinham sido pouco escritas, pouco estudadas, que me interessavam, que podia fazer e tem outras coisas mais do planos afetivos subjetivos **[risonho]** digamos assim, eu nunca tinha estado, nunca tinha colocado um pé na Amazônia, sonhava com fazer pesquisa na Amazônia. E Tabatinga tem uma cidade do lado que é colombiana, que se chama Letícia, que tem um aeroporto, o que significava que eu estava há duas horas da casa da minha mãe, em Bogotá. Então isso também era importante digamos, e, e, e restabelecer um vínculo de pesquisa e de troca de conhecimentos com a Colômbia. Meio que, nesse processo todo, isso claro, isso nunca foi assim di, di-direitinho, não aconteceu desse jeito né, foi mais confuso que isso, mas nesse

conjunto de coisas terminei indo pra Tabatinga e para um cidade que se chama São Gabriel da Cachoeira, que é no Alto Rio Negro, é, onde tenho feito pesquisa os últimos anos.

Daniela: Teve uma pessoa especial com quem você conviveu bastante durante a pesquisa e que se tornou uma das suas interlocutoras centrais. Você pode contar um pouco dela?

Zé Miguel: Sim é... é... era um, ela, bom era, né, ela morreu em dezembro de 2015, é, ela era uma mulher, era uma dona de um prostíbulo, colombiana, lésbica, é... dona de um prostíbulo em Tabatinga, no Brasil. E, isso nessa primeira atividade que eu fiz junto a Secretaria de Saúde de Tabatinga, ela chegou e teve um... amor assim à primeira vista digamos, e uma coisa também de reconhecimento nacional digamos "Ah, você é colombiano, que ótimo", e eu a encontrar ela colombiana foi também um sonho e a gente ficou muito amigo, foi se... ela me recebeu. Então, assim, a minha casa em Tabatinga e o meu centro de pesquisa e de trabalho, e afetivo e familiar em Tabatinga foi esse prostíbulo. É... e a gente se fez grandes amigos assim e o meu último trabalho de campo, mais comprido em Tabatinga que foi em 2015. Se chama Carmelo, foi acompanhando a Carmelo no hospital, no adoecimento e no hospital ela finalmente faleceu em Bogotá, foi transferida pra Bogotá, eu viajei para Bogotá enfim e de qualquer forma ia viajar e fiquei com ela um pouco no hospital em Bogotá e uns dias depois ela morreu lá. É... mas é isso, foi uma relação muito forte, digamos. Ela... Enfim, eu, teve muitos momentos em que eu, não poderia muito falar isso, mas... em que eu assisti, digamos assim, o trabalho dela como administradora do puteiro né, do prostíbulo, ajudando no trabalho. Quando ela ficou doente as mulheres queriam que eu assumisse o prostíbulo então, enfim, é passa por todos esses lugares né.

Daniela: E aí, Betânia vindo do Maranhão, Zé Miguel vindo da Colômbia. Zé Miguel fez pesquisa e trabalho de campo na Colômbia, com Carmelo, Betânia também conheceu antropólogas e outras pesquisadoras sobre o tema da prostituição. Mas como Betânia e Zé Miguel se encontram no Puta Dei?

Betânia: A gente precisava de alguém fizesse fotografias né, e a gente lembrou, do primeiro Puta Dei, que o Zé fez fotografias e fez umas fotografias maravilhosas. E foi assim [ênfase] bem a calhar e de muito, muito muito agradecimento porque o Zé veio, e veio com a família inteira, que pra gente foi muito gratificante essa vinda de Zé Miguel. Então Zé, você [ênfase] é sim [Zé começa a rir baixinho] um dos grandes contribuintes [Betânia ri com Zé] pra associação mulheres guerreiras. A gente te adotou!

[Volta o funk da Daspu, com batidas rápidas, ao fundo]

Zé Miguel: Ótimo, [risinho] maravilhoso!

[Batida de funk com gemidos "Uh!", "Ai!", e uma voz televisiva com ecos "Sucesso na Globo!". A música ajuda a transitar para o próximo bloco, o MIOLO]

MIOLO

Daniela: Sora, eu quero começar comentando sobre esse primeiro bloco do programa. Não é à toa que trouxemos uma cena. Zé Miguel descreve, com detalhes, com cores, som, personagens, figurino, aquele dia do Puta Dei aqui em Campinas. Esse exercício da descrição é uma coisa bem importante na Antropologia, né? Porque a descrição é capaz de transportar as pessoas que leem ou que ouvem pros locais por onde andamos, por onde fazemos pesquisa. A cena não somente

cria empatia, mas ela cria proximidade, ela desloca as pessoas dos seus sofás, escritórios, permite que viajemos junto com as antropólogas até o campo.

Soraya: É isso mesmo, Dani. E a outra cena, que é quando a Betânia descreve a vinda dela pra Campinas, também. Ela tinha 13 anos, foi **[ênfase]** criticada pelas colegas mais velhas, depois convenceu o pai a refazer seu RG, tem sua viagem de caminhão até São Paulo. E é no meio dessas cenas que a gente vai percebendo nuances tão importantes, né? Por exemplo, o fato de ela ter dois RGs, mas valorizar o “documento que ela escolheu”, como ela disse. Isso, que parece ser só um detalhe, chama atenção pra como a escolha é parte importante da vida da Betânia. Desde a opção profissional, até a migração, a entrada na Associação, a construção e inauguração da sede nesse dia do Puta Dei...

Daniela: É justamente por isso que a Antropologia dá valor às histórias, e que o trabalho de campo envolve puxar papo, dar trela para as pessoas contarem suas histórias. De uma pergunta inicial, vêm coisas inimagináveis! Como o tipo de relação entre o Zé Miguel e a Carmelo, a dona do prostíbulo na Colômbia, ou com a Betânia, a liderança da Associação Mulheres Guerreiras aqui em Campinas. Por um lado, a Betânia, quando fala do trabalho dele como antropólogo, diz que ele foi adotado por elas. E o Zé Miguel nos contou, enquanto a gente preparava esse programa, que a Carmelo se referia a ele como filho, ela dizia que era como se ele tivesse saído mesmo de suas entranhas. Eu acho muito interessante que essa metáfora do parentesco, da filiação, adotiva ou biológica, tenha sido usada pelas interlocutoras sobre a relação com o Zé Miguel.

Soraya: É muito comum que as pessoas encontrem uma forma de entender a nossa chegada e a nossa permanência entre elas. É comum recebermos nomes por exemplo, ou um apelido, um lugar específico pra ocupar. O parentesco, essa linguagem familiar, é uma linguagem comum de aceitação, e também de afeto, de concordância com a nossa presença ali.

Daniela: E o Zé lembra que eles nos adotam e nós os adotamos também. Ele lembra que é isso que acontece nas “relações de longa duração”, que são tão características de grande parte das pesquisas na Antropologia. A gente não vai, faz somente uma entrevista e vai embora. É mais comum ficarmos mais tempo e, na convivência com tanta gente, relações mais fortes surgem com algumas dessas pessoas. A adoção é mútua, afinal de contas, é uma relação.

Soraya: Isso mesmo, Dani. Concordo com você. Acho que veremos se repetir muitas e muitas vezes aqui no Mundaréu como a Antropologia só acontece porque estabelecemos relações com as pessoas com quem pesquisamos. Mas nem sempre são relações de puro amor, amizade e parceria. Às vezes, são relações tensas, pesadas, até de animosidade, de briga. Mas é a relação o que torna possível a pesquisa em Antropologia, isso sem dúvida.

Daniela: Eu também queria chamar atenção para as viagens, de como são importantes na nossa área. Sair do lugar de origem pra estudar, pra fazer pesquisa, pra conhecer, pra entender, pra morar. A viagem, o deslocamento, é bastante comum. E quando o Zé Miguel usa a expressão “transfronteiriço”, acho importante reforçar como tanto ele quanto Betânia, motivados pelo trabalho, migraram, mudaram, viajaram. De uma fronteira a outra, entre dois países dentro de um continente, entre duas regiões do Brasil, eles dois viajaram. Para a Antropologia, a viagem nos sacode, nos faz sair das zonas de conforto e permitir que conheçamos o outro.

Soraya: O “outro”, táí outro termo que a gente usa muito, né? O Zé Miguel queria conhecer melhor o trabalho sexual na fronteira internacional do Brasil com a Colômbia. Foi parar na Amazônia, mas só conseguiu chegar lá porque foi encontrando vários outros pelo caminho: as suas professoras na pós-graduação, os colegas de doutorado, os conterrâneos que receberam o

Zé Miguel em Tabatinga! A Carmelo, por exemplo, né. E aí depois aqui em Campinas, a Betânia, a Sandra, e tantas outras putas importantes. São outras que viraram, pouco a pouco, interlocutoras especiais para ele.

Daniela: Uma menina de 13 anos que sai de Caxias no Maranhão e vira uma das mais importantes lideranças da Rede Brasileira de Prostitutas. Um jovem de 20 e poucos anos, que deixa um país em guerra e vem tentar a sorte aqui, vive em um monte de cidades brasileiras, vira antropólogo e acaba professor da USP. Essas trajetórias, tão complexas, nunca lineares e sempre tão ricas, [gritinhos e gemidos “Aí!” “Oh!” e batidas de balada disco] nos interessam também na Antropologia.

BLOCO 2 - CONHECENDO O TRABALHO DO OUTRO

[Batidas disco com vozes de vogue “Aí”, “Oh!”, e voz televisiva com ecos “Sucesso na Globo!”]

Daniela: A Betânia e a Associação já conheceram muitas antropólogas, muitas delas chegaram para fazer pesquisa sobre o trabalho sexual aqui na região de Campinas. Mas gostaria de perguntar como que você conheceu esse antropólogo, o Zé Miguel?

Betânia: O Zé Miguel costumo falar que a gente se conheceu no mundo né, embora ele tenha me recordado que a primeira vez que a gente se conheceu, foi, é, em um encontro de prostitutas, no Rio de Janeiro em 2008, mas o meu, a minha aproximação maior com o Zé Miguel foi a partir daqui da Unicamp né, da PAGU e... uma parceria, um trabalho que ele fazia junto às trabalhadoras sexuais, e a gente se conheceu assim.

Daniela: Betânia, você consegue se lembrar de qual foi sua primeira impressão dele quando você o viu? E você consegue também descrever ele um pouco para as pessoas que estão nos ouvindo e que não o estão vendo?

Betânia: É, na verdade o Zé Miguel, a primeira impressão que eu tive dele foi que ele era um cara, é, super louco [risonha] né, primeiro que a gente, nós brasileiros, a gente se identifica muito com pessoas estrangeiras né e eu já percebi logo de cara que ele não era brasileiro, mas uma pessoa assim bem antenada com os assuntos no qual a gente estava tratando que era sobre o trabalho sexual dentro da Rede Brasileira né, então essa foi a primeira impressão que eu tive dele [risonha], né, uma impressão super positiva.

Soraya: Por que você fala que você achou que ele parecia muito louco, o que, foi uma coisa da roupa, do jeito?

Betânia: Assim, porque geralmente quando se, em se tratando do trabalho sexual as pessoas entram um pouco mais receosas ou entram mais com aquela perspectiva de pesquisa, de pesquisador, de querer extrair algo das profissionais, e o Zé não. Eu, quando eu o conheci, ele já estava dentro do movimento, já estava envolvido com todo o trabalho. Então, não teve aquele, receio né, e a questão da loucura sim da forma de, de, da qual ele já estava adaptado, adequado ao assunto né e não teve nenhuma conversinha de pesquisa, “Quanto que você ganha?”, e essas coisas... essas pesquisa, que geralmente faz com a trabalhadora sexual.

Daniela: Zé Miguel, e você, como você chegou no nome da Betânia, você lembra como foi, o primeiro contato de vocês? O que ela tava fazendo?

Zé Miguel: No meu registro a primeira imagem, a primeira vez que conheci a Bê foi no Encontro Nacional do, da Rede Brasileira de Prostitutas em 2008, que foi o quarto encontro no Rio de Janeiro, estava fazendo a, trabalho de campo, a pesquisa em Porto Alegre, é, e fui pro Rio pra acompanhar o encontro. E então conheci um monte de prostitutas que eu não conhecia do Brasil inteiro, e a Betânia estava aí né. E a Betânia é uma figura muito forte, muito impactante sempre nos espaços, quando chega. E tem uma, uma coisa que pra mim que foi muito importante ali, que foi o, este trabalho de afirmação da palavra “puta” e “prostituta” né, que estava em pleno processo de início assim, é, e Betânia, é, fez parte de uma onda, digamos, de uma geração por dizer assim que veio com essas afirmações mais fortes, é... Então essa a primeira imagem que eu tenho assim de Betânia, no Rio em 2008 né.

Soraya: Antropólogas, quando vão fazer suas pesquisas, são recebidas de várias formas pelas pessoas, pelas interlocutoras. Betânia, você nos contou antes que as pessoas que se aproximam para fazer pesquisa sobre trabalho sexual geralmente são “apoiadoras”. Então, qualquer pessoa pode fazer pesquisa sobre trabalho sexual, qualquer pesquisadora se transforma numa apoiadora?

Betânia: Então, eu, é sou muito... é, é difícil eu falar isso porque eu, eu me acho radical. [risos] É, eu acho que qualquer pessoa pode sim, isso é o meu ponto de vista, pode sim ser um apoiador e fazer pesquisa sobre o trabalho sexual, desde que esse trabalho e essa pesquisa condizem positivamente com aquilo que a trabalhadora sexual, que se assume, coloque, entendeu? Não, é, nos vitimizamos, não nos, é, condenando, não nos salvando porque a gente não quer salvação e não, é, nos indicando linhas de trabalho, porque trabalho nós já temos.

Soraya: Zé Miguel queria comentar alguma coisa?

Zé Miguel: Não, eu queria comentar isso, que, isso é uma coisa, é uma prática né, muito forte, muito importante da Rede né, da Rede Brasileira de Prostitutas e das associações, que a Betânia está falando. É muito forte, como elas “capturam” os pesquisadores pra dentro da rede, né. É, você num... é, é bem isso que Betânia está falando, não tem, é, ficar de fora, é, você entra e é capturado ou não, e então, está fora. E é muito explícito, muito claro, né, quando eu comecei a fazer a pesquisa em Porto Alegre, por exemplo, com uma Associação da Rede que se chama Núcleo de Estudos da Prostituição, NEP. Primeiro, eu já vinha de uma tradição, que era a Claudia Fonseca em Porto Alegre, que tinha feito pesquisa, pesquisa participativa com elas, tinham orientadas dela, depois, três gerações depois digamos assim, foi eu e teve uma reunião assim, numa mesa redonda como essa, onde elas pediram pra eu levar o projeto, pra elas avaliarem o projeto, ler o projeto e decidir se estava bem ou não, discutir termos e a partir daí a pesquisa poderia acontecer. E, e não parava aí, né, a partir daí digamos era uma exigência permanente de compromisso nas pautas e nas responsabilidades práticas, é, das organizações, né, e do movimento. Então isso é muito forte, muito claro assim, e então toma uma escola de antropologia brasileira que pesquisa prostituição engajada e parceira e aliada de maneiras diversas no Brasil inteiro às organizações de prostitutas, né.

Betânia: Essa questão do compromisso né, e a parceria que se forma. Primeiro que um pesquisador chegando lá né, a Associação jamais vai indicar qualquer pessoa pra ele ir fazer a entrevista, né, a gente realmente chama pra uma conversa e fala “Ah, tem algumas mulheres, quantas mulheres você pode reunir?”. Não, [risada] o trabalho é seu, vamos pro campo!

Soraya: Excelente, adorei, “o trabalho é seu vai pro campo” [risada], bom é, então tá. Eu acho que o Zé já começou a falar um pouco disso, mas eu queria perguntar para o Zé Miguel então, como é o seu trabalho com a Associação Mulheres Guerreiras, com a Rede Brasileira de Prostitutas, o que que você faz concretamente, José Miguel?

Zé Miguel: A gente criou uma relação com as Mulheres Guerreiras, com a Betânia, depois Betânia também foi, foi adquirindo digamos uma posição de liderança nacional mais forte. Então assim, com as Mulheres Guerreiras não tem nenhuma, uma relação mais é, né de trabalho constante, digamos. Mas é isso, tem que fazer alguma coisa, aí dá pra fazer alguma coisa a gente está junto... desde isso, escrever pro Jornal Beijo da Rua, é, participar no Puta Dei, que aconteceu agora recentemente, tirar fotos num evento, é, discutir, a gente tem vários grupos de WhatsApp, é... dos movimentos, então, que são de discussão permanente e é muito fascinante porque todo mundo tem, é, digamos, a mesma possibilidade de expressão, seja ou não prostituta, seja ou não mulher, seja né, seja assessor ou apoiador ou qualquer coisa assim, então é um exercício de discussão permanente também dos rumos da Rede, de decisões sobre eventos, sobre seminários, divulgação de eventos, é, e em alguns casos, é, digamos essas coisas se transformam em algumas momentos participações mais intensos, ou mais ativas.

FECHAMENTO

[Música de fechamento: “Quem canta” de Danú e Tatá, clima alegre. A música fica, ao fundo, até o final do episódio]

Soraya: Vimos como a história e a trajetória do Zé se constitui pela pesquisa com, e sobre, a prostituição. Ele transita por Bogotá, Porto Alegre, Campinas, e São Paulo. Mas eu gostaria de enfatizar como também a história da Betânia, da sua Associação, da Rede Brasileira de Prostitutas, passa também pela universidade, pela pesquisa e pela relação com pesquisadoras e pesquisadores.

Daniela: Aqui no caso da Unicamp, existe um programa de extensão universitária, que é a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (todo mundo conhece como ITCP). Ele envolve ações de Educação Popular a partir da formação e apoio a grupos autogestionados, como cooperativas populares, associações e grupos informais. Foi esse programa que justamente auxiliou o processo de formalização da Associação Mulheres Guerreiras, e colocou a Betânia em contato com o PAGU, com o Zé Miguel e tantas outras pesquisadoras e antropólogas.

Soraya: O que que é PAGU mesmo, Dani?

Daniela: PAGU é o Núcleo de Estudos de Gênero, que tem aqui no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Unicamp.

Soraya: Entendi, muito bacana isso! Muitos trabalhos na Antropologia são feitos com os movimentos sociais mesmo, os diferentes ativismos, com as pessoas que lutam pelos seus direitos sociais e o trabalho sexual é um deles, né? [a música de fundo vai se encerrando, dando ênfase a palavra direito] O trabalho é um direito. Tem mais uma última história que também mostra isso: como os encontros que a universidade promove geram ciência, mas geram também formação profissional, geram fortalecimento identitário, geram relações e afetos. Foi aqui na Unicamp, há [ênfase] muitos anos atrás em um evento sobre trabalho sexual, que a Betânia encontrou a Gabriela Leite. Pra quem não sabe, a Gabriela Leite foi uma socióloga paulista, e também trabalhadora sexual, uma das ativistas mais importantes que o Brasil já teve! A gente perguntou para a Betânia como foi essa vinda da Gabriela até aqui na Unicamp.

Betânia: É, não é bem a vinda da Gabi, mas a minha vinda pra esse momento né, do qual eu estou hoje. Eu me sinto muito privilegiada e honrada, porque todo mundo quando conversa

comigo fala, “Você conheceu Gabriela? Como que você conheceu Gabriela?”. E eu falo, “Não, [risos] pra conhecer você tem que ter um contato bem mais próximo, né”. Mas Gabriela, como sempre foi uma mulher ao seu tempo, né já bem, já estava bem doentinha né, e ela [ênfase] me reconheceu, então Gabriela me conheceu no meio da multidão, aqui dentro da Unicamp em uma das salas de palestras e me conheceu como uma colega, né, e se levantou da cadeira bem pequenininha, e me encontrou no meio da multidão, “Olha, aqui eu tenho uma colega, que é a Betânia”. E neste momento eu me senti no direito de levantar essa bandeira que é minha, uma bandeira que foi criada por ela, mas é um legado que eu trago. Mas foi esse meu primeiro passo pra ser quem eu sou hoje, pra ser Betânia Santos, pra ser a prostituta que eu sou hoje, e levantar essa bandeira de luta que é a palavra “puta”.

[“Quem canta” de Danú e Tatá, samba tranquilo, com violão, pandeiro e cavaquinho. Uma voz feminina canta]

“Eu trago um canto de outro canto
E só de encanto faço um conto
Encontro e me demoro um tanto
O tanto onde finco o pé”

[Com a música no fundo e a seguinte letra, Daniela volta a falar].

“Pega uma ponte, uma ponta, uma pauta, uma balsa, uma valsa
Vá descalça
Pro quintal lá de casa

Pega uma ideia, boleia, odisseia, quimera, uma teia
Uma veia quem dera

Até que não me importaria
Se não fosse precisão
Essa folia
Se não fosse mansidão
Essa alegria

Queria
Muito mais um coco
Muito mais um pouco
O batuque lá na toca”.

Daniela: Queremos contar um mundaréu de histórias de pesquisa, partindo da Antropologia. “Uma putafeminista, um puta antropólogo” foi nosso primeiro programa, e foi produzido a muitas mãos, corpos e vozes. Betânia e José Miguel vieram até a Unicamp pra fazer as gravações conosco e contar suas histórias. O Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, o LABJOR da Unicamp, é a nossa casa, na qual contamos com a colaboração e supervisão de Simone Pallone. Na Rádio da Unicamp, temos o apoio do Octávio Silva e do Jeverson Barbieri. Também temos recebido a preciosa consultoria da Bia Guimarães e Sarah Azoubel do podcast 37 graus. A equipe do Mundaréu é composta por nós duas, Daniela e Soraya, pelo Vinicius Fonseca e a Julia Couto, estudantes de Ciências Sociais e bolsistas de Iniciação Científica da Unicamp e da UnB.

[Enquanto a Soraya fala, a música prossegue, alternando a voz e o solo do cavaquinho]

Soraya: Como qualquer projeto de pesquisa, o Mundaréu recebe apoio e recursos do CNPq e do SAE, Serviço de Assistência Estudantil da Unicamp. Quem quiser saber mais da Associação Mulheres Guerreiras, da Betânia e do Zé Miguel, ou então ouvir o poema que o Zé Miguel escreveu enquanto estava fazendo pesquisa com as prostitutas, e o funk que embalou esse episódio, consulte o site do nosso podcast. O endereço é mundareu.labor.unicamp.br. Agrademos pela sua audiência e até o nosso próximo programa.

Daniela: Até!

[Outro trecho de “Quem canta”, agora com a música em primeiro plano, samba com voz feminina que canta].

“Queria
Muito mais um coco
Muito mais um pouco
O batuque lá na toca”.

[O instrumental perdura mais um pouco até o fim da música]

EXPEDIENTE

Apresentação: Daniela Manica e Soraya Fleischer

Produção: Daniela Manica, Soraya Fleischer, Vinicius Ferreira e Julia Couto

Gravação: Octávio Augusto, Rádio da Unicamp

Transcrição, montagem e edição do episódio: Vinicius Fonseca e Daniela Manica

Música: “Funk da Daspu” foi composto para os desfiles da grife Daspu e gentilmente cedido para reprodução no episódio.

Transcrição e audiodescrição do episódio 1: Irene do Planalto Chemin

MAIS INFORMAÇÕES

- Associação Mulheres Guerreiras: <https://www.facebook.com/pages/category/Non-Governmental-Organization--NGO-/Associa%C3%A7%C3%A3o-Mulheres-Guerreiras-em-A%C3%A7%C3%A3o-276423312498026/>
- Daspu: <http://daspu.com.br/>
- Núcleo de Estudos da Prostituição/NEP: <https://m.facebook.com/N%C3%BAcleo-de-Estudos-da-Prostitui%C3%A7%C3%A3o-NEP-POA-114066085435053/>
- Núcleo de Estudos de Gênero -PAGU: <https://www.pagu.unicamp.br/>
- Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (Unicamp) : <https://www.itcp.unicamp.br/>
- Currículo lattes do José Miguel Olivar Nieto: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4270132Y4>
- “Funk da Daspu” de Gutz, Gimene e Kjá: <https://soundcloud.com/daspu/01-daspu-e-uma-puta-parada>
- Documentário “Mulheres guerreiras: desbravando estradas da vida”, sobre a Associação Mulheres Guerreiras: https://www.youtube.com/watch?v=zgCf_QQjxRg&t=860s
- “O pedreiro” por José Miguel Olivar Nieto:

MATERIAL EXTRA

Zé Miguel: Uma mulher do trabalho de campo em Porto Alegre que, que eu conheci, que ela era uma garota assim tinha 20 e poucos anos, e ela era casada com um pedreiro. E o pedreiro sabia, e ela contava, e ela dizia que ele, é... único espaço que conseguia pensar sobre o trabalho dela era quando estava batendo nas pedras de construção, né.

Quem é que está nessas pedras, pedreiro?
Serão os parceiros de grana faminta, deslizando-se nas pernas dela?

Quem é que está nessas pedras, pedreiro?
Serão tuas irmãs, as quase virgens, xingando a menina de pernas na rua?
O que é que palpita nas migalhas impiedosamente destruídas?
Pra quem é que olhos e olhos com tanta tristeza fechados?

Quem é que está nessas pedras, pedreiro?
Algum deus distraído e surdo quiçá, que nos salva escutar teus gemidinhos de dor?

Quem é que está nessas pedras, pedreiro?
Então penetrador sem nome nem rosto, que imaginas cheiroso e delicado no escritório dela?

Quem é que está nessas pedras, pedreiro? Quem?
Quem é que morre rasgado por esse cinzel que rasga tua mão, sem ao nunca perguntar como foi o trabalho?
A certeza dos prazeres ambíguos
Os anos de masculina certeza que desaprende-se em cada carícia

Quem é que está nessas pedras, pedreiro?
Olha a terrível beleza do passado dado por angústia, rebeldia, apaixonada e dupla

O que é isso tão duro que não se quebra a mil golpes?
És tu menino de olhar confuso e amargo que recebe o castigo brutal do poder que te habita

Quem é que está nessas pedras, pedreiro?
É a mulher que amas, que ganha mais do que tu, que sua por calores outros, que lambe e expediente relambe, que mexe o quadril e aperta as coxas para o feijão e a escola não faltar nunca

É o homem que não entendes que casou-se com quem amava, que desobedeceu a teimosa mãe, que não consegue assinar um futuro, que se esforça por ser justo e tentar fazer a família com aquela que vive fedorenta de estigma

Quem é que está nessas pedras, parceiro?
Chora tranquilo, que ninguém vê
Confunde-se no suor
Chora tranquilo, sabemos a força que esse amor precisa
Chora tranquilo, para logo amá-la, és o único de quem não espera paga.

Daniela: [voz ao fundo, baixa] Obrigada! [Risos]